

Aquele sábado era de descanso. Descanso do Deus morto e do homem vivo. Sábado Santo. O antigo breviário começava o dia de oração assim: *In pace, in idipsum, dormiam et requiescam.* A Igreja de cá carregava a faixa de luto. A de lá celebrava o aleluia eterno da Ressurreição. Aquele sábado, foi celebrá-lo no céu, com passagem marcada para as 8:20 da manhã, o



PADRE JOSÉ TAVARES BAETA NEVES

Conselheiro Lafaiete, 21 de setembro de 1899
Cachoeira do Campo, 10 de abril de 1982

“Haec tamen septima erit sabbatum nostrum, cuius finis non erit vespera, sed dominicus dies velut octavus aeternus, qui Christi resurrectione sacratus est, aeternum non solum spiritus verum etiam corporis requiem praefiguratus. Ibi vocabimus et videbimus, videbimus et amabimus, amabimus et laudabimus. Ecce quod erit in fine sine fine. Nam quis alius noster est finis, nisi pervenire ad regnum cuius nullus est finis?” (*Agost. De Civitate Dei, XXII, 30*).

Com passadas largas, degraus quatro a quatro, galguei a velha escada de mármore já gasto. Aquela escada, única supérstite das antigas cavalariças. Era um daqueles raros domingos de uma missa só, que havia já celebrado às nove. Um sol claro da estação das chuvas tingia de cores mais vivas o imenso jardim do quadrilátero, obra prima da mão mágica do Sr. Lindolpho. Entrei sem muito pensar no corredor semi-escuro dos quartos dos padres. Quase que por instinto, girei a maçaneta da porta do Pe. José. Pela vez primeira, em meus quatro anos de diretor, a encontrei aberta. Empurrei-a devagar. Entrei. De batina preta e sandália aos pés, estava ele deitado, ofegando cansaço.

- Pe. José, vamos passar para o quarto de baixo – arrisquei pela enésima vez; – o médico disse que o senhor não pode ficar subindo escadas.
- Então vamos. Depois volto para arrumar o quarto; – concordou ele em voz sumida.
- Arrastou os chinelos taco atrás de taco, arrimando-se cá e lá, parando para umas que outras perguntas, comum à sua incomum curiosidade.
- O senhor vai aonde hoje?
- Não vou sair, Pe. Zé, vou ficar com o senhor.
- Que dia vamos a Mariana?
- Amanhã, se tudo der certo.

Pesadamente desceu o primeiro degrau. Apoio de dois pés. Vencido pela evidência dos fatos e pela impotência das pernas, aceitou o arrimo do meu ombro esquerdo. Degrau pós degrau, ia descendo a longa história de seus dias. Eram como dezenas de anos que se ficavam nas brumas do passado. Patamar final. Caminhada lenta, cheia de paradas até o quarto que sói acolher nossos velhinhos, o mesmo que acolheu os últimos dias do Sr. Roque Barone e do Pe. Pedro Pinto, poucos anos faz. Abri a porta. Fiz a cama. Pe. José Tavares Baêta Neves agonizava. Uma brisa fagueira afagava o último sol daquela tarde de março. "Um lamento chora longo a rolar na longa voz do vento".

Teimou ainda uma vez, como sempre teimara. Direito de velho. Tentou arrastar-se até o refeitório. Conceição ajudou-o a subir o degrau da porta. Um silêncio atônito nos fez parar os garfos a meio caminho da boca. Arriscou um ralo prato de sopa. Ficou-se dormitando na cadeira. Vítor fez-lhe ainda a barba. Sardinha e Adílson serviram-lhe de muletas até a Capela. Rezou assentado. Dormitou ainda. Jorge Celson amparou-lhe a caminhada até o quarto. Não mais teimaria.

Duas semanas de cuidados

—Thiaminose é vitamina — explicou-lhe a Aparecida Bastos — enquanto ajeitava a longa agulha com dez centímetros de líquido amarelado. Estava na última receita do Dr. Hélio. A comprida agulha demorou a achar-lhe a veia. A reanimação se fez sentir. Coração e rins ameaçavam greve; mas Pe. José falava, em voz sumida, mas falava. Ainda se exaltava, de olhos estatelados: "fui professor de latim e francês do Pe. Alfredo Carrara de Melo... fui vigário em Glaura durante nove anos ... Pe. Alcides só tomava café em minha casa, em Lafaiete ... dei latim pras moças em Vitória". De há muito, o passado já vinha sustentando-lhe a vida. Assentava-se ainda para urinar. Perdeu as forças, mas não a lucidez. Seguiu o movimento dos padres que faziam o Encontro Nacional com o Padre Vecchi: "aonde os padres estão indo agora?" Queria saber de seus óculos e de seu relógio e se a chave de seu quarto estava comigo. Mal sabia que uns vinte sacos de papéis e bugingangas cuidadosamente ajuntadas, mofadas e encardidas durante anos, já tinham sido queimadas. Dormia muito e comia pouco. Líquido e vitaminas eram os responsáveis por suas energias restantes. Fui tranqüilo celebrar minha semana santa. "Peça ao povo para rezar por mim", despediu-se ele. Zé Wílson ficou em meu lugar. Zé Wílson, bom em qualquer serviço. Voltei na quinta-feira santa, para vê-lo. "Vai tranqüilo, — opinou o Cleto — que o velho ainda vai longe". Dr. Hélio veio naquela tarde mesmo e achou bom observá-lo mais de perto, no hospital. Leito de hospital era sua cruz. O dia era Sexta-feira da Paixão. Manhã de sábado. Uremia acentuada. Pediu ao Zé Wílson que o virasse de lado. Virou para sempre. Pe. José Tavares Baêta Neves dá o último suspiro ... e morre.

Os telefones chamaram as quatro regiões da Inspetoria. Chamaram Burnier, Mariana, Lafaiete. Dom Oscar deixou o ofício do coro e correu a Itabirito para encomendar o corpo. Ele mesmo, com os Padres Dilácio, Paulo e Vicente, acompanhou o Pe. José de volta a Cachoeira. Estavam também, nas alças do caixão, os Padres Justino, Possamai e Barroso. Sodi, seu grande amigo e companheiro de andanças pelas montanhas de Glaura e S. Bartolomeu, já o esperava, sentado taciturno, na calçada do D. Bosco. Joana, olhos rasos de lágrimas, enfeitou de dalias o seu caixão. Orsina estava sempre alerta, ajudando a azáfama do Cleto. Os amigos chegavam. Chegava quem ele batizara, confessara, casara e ensinara latim, história e francês. Pe. Duque chegou, trazendo o peso e o pêsame da Inspetoria. O sábado colhia, no sinal litúrgico, o descanso de Cristo; na concretude da morte, o já diminuído corpo, um tanto secado pelo lasix. Pe. José Tavares Baêta Neves descansava. Durante quase sessenta anos, naquele dia, repetira com a Igreja: *Caro mea requiescet in spe*.

A missa das oito, na Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, em Cachoeira do Campo, era da Ressurreição. Jazido em seu esquife, Pe. José celebrou-a com a imensidão de povo que apinhava a igreja. O sermão já estava feito na segunda leitura, da Carta aos Colossenses: **Se ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto ... morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo, em Deus. Cristo é a vossa vida e Ele vai se manifestar. Então, também vós sereis manifestados com Ele na glória ... (Col. 3, 1-4).** "Na esplêndida aurora de Páscoa" Dom Bosco o acolhia em seu jardim. Pão e trabalho, lhos dera em abundância. Mais abundante agora, completava a promessa: o Paraíso.

"Nasci em Rio Grande (RS), mas meu pai me registrou em Lafaiete".

Pode-se escrever a história de um homem, as estórias de sua vida, mas as letras nunca serão capazes de retratar o contexto global de uma existência. Seria pretensão demasiada querer buscar na **História de uma Alma** toda a riqueza exuberante de Santa Terezinha do Menino Jesus, ou nas **Memórias Biográficas** o potencial apostólico que aninhava o coração de Dom Bosco. Nem mesmo os evangelhos puderam fazê-lo com Cristo. Resta sempre aquilo de mistério profundo que é cada homem em si mesmo, indevassável aos olhos humanos.

Na imensa mole de guardados do Pe. Baêta, a paciência e tenacidade militares do Padre Justino encontraram um rascunho já amarelecido pelo tempo, onde ele respondia ao então Pe. Geraldo Servo, que lhe pedia um *Curriculum Vitae*. Data de 1968, quando estava em Acesita. Sua bonita letra traçou um rascunho de quatro folhas de caderno. Uma reticência respeita o que aconteceria com ele depois de 196... . O rascunho, todavia, nunca vai mostrar seu zelo sacerdotal nas montanhas de Cachoeira, nas Capelas de Jaciguá, nas longas e duras idas a Miguel Burnier. O mistério profundo do sacerdote que prega, confessa, batiza, perdoa e aconselha, ficará sempre no coração dele... e de Deus. Só Ele, que "sonda os rins e os corações", ficou sabendo que no âmago de uma personalidade, às vezes complicada, se escondia um coração de apóstolo, como esconderam outrora o gênio fogoso de Paulo e a calma indecisa de Pedro. Só Ele é capaz de respeitar os nossos defeitos. É Pai.

Sua figura era proverbial em nossa Inspetoria. Impossível descrevê-la. As expressões aqui anotadas são uma tentativa de reter algo daquilo que constantemente repetia. Tomo a liberdade de dispensar o *parce sepultis*. Nem mesmo sei por que pensar nele.

"Nasci em Rio Grande, mas meu pai me registrou em Lafaiete"¹, dizia o Pe. José. Até hoje não sabemos por que ser gaúcho fosse, para ele, mais importante do que ser mineiro. Mas era mesmo de Lafaiete, filho de Daniel Justiniano Baêta Neves e Luíza Gonzaga Baêta Neves, família que gerou para a Igreja várias vocações, inclusive o já falecido bispo de Sete Lagoas, Dom Daniel Tavares Baêta Neves². Começou sua história salesiana aqui em Cachoeira do Campo, em 1912, indo depois para Lavrinhas, onde fez aspirantado, noviciado e filosofia, naqueles tempos de muito pouco conforto e muito maior perseverança³. Em 1922 fez seu tirocínio em Niterói⁴. Estudou teologia na Itália e lá se ordenou em 1928, no dia 7 de julho⁵. O restante de 1928, depois o 29, o 30 e o 31, passou-os em Niterói e Campinas. Foi conselheiro escolar e pároco em Jaciguá nos anos de 32 a 35⁶. A Paróquia de São Domingos, do Araxá, esteve sob seus cuidados de 36 a 40. Em 1941 vai para o Rio Grande (RS), onde fica até 1945⁷. Passa o ano de 1946 em Cachoeira do Campo, onde lecionou latim, francês e história geral⁸. Vai para Vitória e lá fica até 1950 como confessor, professor e capelão das Irmãs Vicentinas⁹. Voltou a Cachoeira em 1950 onde permaneceu até 1959. Aqui foi professor e vigário substituto de Glaura. São deste período as melhores recordações que aqui deixou¹⁰. Ajudou seu irmão Dom Daniel, na Diocese de Januária, até 1962, quando o então Inspetor, Pe. Pedro Prade, o destinou para Acesita. Lá ficou ele até abril de 1971. Protestou sempre com veemência contra o fechamento da obra lá¹¹. No dia 30 de abril de 1971

voltava para Cachoeira do Campo, de onde só saiu no último sábado santo, às 8:00h do dia 10 de abril de 1982.

“Com ele comemos e bebemos...”

Já o conhecia desde os tempos em que comecei vir a Cachoeira para reuniões e retiros. Pertencia ao grupo daqueles que lhe puxavam a língua, para ouvi-lo falar dos antigos e contra o fechamento da obra de Acesita. Divertiam-me suas repetições constantes e tentativas de falar um francês que empacava nas primeiras frases: *il ne convient pas en parler*, fechava ele o papo, ou porque o francês acabava, ou porque alguém lhe infernava a paciência. Não hesitava em menosprezar seus inimigos com um acintoso *très bien, mon chien*.

Quis a obediência que me tornasse seu diretor em 1978. “Fiquei muito safisfeito quando soube que o senhor foi nomeado diretor aqui, porque o senhor é meu amigo”. Realmente procurei sê-lo, quer tomando seu partido nas aguerridas discussões de mesa, quer assecundando-lhe a maior parte dos caprichos de velho, como também carregando-o ca e lá nas minhas saídas de carro.

Era a alegria da comunidade. As propositais discussões e simuladas agressões terminavam sempre com um bico de desprezo que ele retratava no lábio inferior. Volta e meia, era pego em suas artes senis, pela esperteza perdigueira do Pe. Lisboa, que o surpreendia entrando no quarto de alguém, no banheiro das meninas ou roubando ovo e banana cozida no refeitório dos internos. Tinha sempre, para cada surpresa desagradável, uma desarrumada *excusatio non petita*. Acreditava em todas as mentiras que inventava a criatividade dos mais matreiros. Tanto acreditou que o Cleto e o Roque era comendadores de medalha e tudo, como acreditou também que arrancariam o monumento de Nossa Senhora Auxiliadora do pátio interno, para o Papa poder descer de helicóptero. Não foi nem uma nem duas vezes que me assediou, e ao Pe. Duque, para não permitir isto: “é um monumento antigo, construído por D. Dell’Ocra, em 1915. O Papa pode descer no campo de futebol... e o senhor vai buscá-lo de carro”. Era especialista em juntar bagulhos de todo tipo, desde o papelão — miolo de papel higiênico — até saquinhos de plástico e tampas de caneta bic. Num cantinho de armário no refeitório, amontoava, com omeletes e bolos, vidros de quetchupes já fermentados e garrafas de fanta com dois dedinhos de resto, reservados pro dia seguinte. Volta e meia o Pe. Geraldo se encarragava de dar sumiço a tudo aquilo em nome da higiene. Morreu temendo que o Pe. Geraldo fosse nomeado diretor do Colégio: “Deus nos livre, Pe. Diretor. O Geraldo é muito esquisito. Diretor é o senhor. Tem ainda três anos”. Em seus últimos meses *as* hóstias e o vinho da sacristia tiveram que ser rigorosamente escondidos, porque ele os consumia *intra et extra missam*.

No velho, às vezes estranho pelas limitações da velhice, escondia-se, entretanto, o apóstolo zeloso. Durante quase dez anos atendeu à Paróquia de Miguel Burnier, com constância admirável. Três vezes por mês lá estava ele, celebrando em várias capelas num mesmo domingo, batizando, confessando. Embrenhava-se por montanhas e estradas ruins com uma disposição de criança. Causava-me inveja, a mim, de ótimo preparo físico e fôlego de quarto zagueiro. O povo puro e humilde das capelas daqui o tratava com carinho de neto para avô e sabia compreender suas já inevitáveis caduquices. Acompanhado de seu capote surrado, de sua bolsa já em pedaços e de muita animação, estava sempre disposto a celebrar aqui e ali, a qualquer hora que lhe fosse solicitado. Nunca deixou de celebrar sua missa. Descia para meditação, sobraçando o cálice enrolado em múltiplos panos já encardidos. Sua voz era poderosa e firme ao seguir, enquanto pôde, os versículos dos salmos. Apagou-se somente com a secura dos anos e o excesso de lasix.

O começo do fim

Doeu-me o coração quando lhe comuniquei que ele não mais atenderia Burnier. Vinha decaindo a olhos vistos. A memória começou a ratear. Esquecia números e nomes, coisa que nunca fizera. Irmã Tereza contou-me que já esquecera várias vezes a consagração da Missa e tivera de voltar atrás. Esboçou um protesto que logo acalmei, prometendo-lhe que o levaria a Mariana, para conversar com o senhor Arcebispo. Aliás, ele precisava ir lá mesmo, para perguntar ao Arcebispo se o "Hernani tinha licença para celebrar sete missas num domingo". Os sinais do fim vieram, quando começou a chegar atrasado para a meditação. Dispensei-o. Mas o alarme mesmo foi dado num sábado à noite. A pressão subiu. Ofegava e suava frio. Pe. Geraldo foi socorrê-lo. Mandou chamar-me. Quando cheguei, Joana o estava amparando e enxugando-lhe o abundante e frio suor. Busquei a Aparecida Bastos. Veio prestimosa e mediu-lhe a pressão: vinte e cinco. "Imediatamente para o hospital", sussurrou-me ela. A agilidade hábil e decisa do Dr. Hélio o socorreu de imediato. No dia seguinte estava fora de perigo. Mas o baque fora grande. A decida se fazia cada vez mais nítida. Mantinham-no as doses constantes de digoxina, dilacoron e aldomet. Dormia muito e em todo lugar. As sandálias começaram a arrastar-se debaixo do volume que ia diminuindo e se encurvando a olhos vistos. A barra da batina varria já o chão. O tempo de viagem capela-quarto-refeitório se tornava mais longo. O peso, mais pesado. Caiu um dia, ao tentar subir o degrau da capelinha onde celebrava a missa. Foi perdendo o grande apetite que sempre tivera. Na manhã daquele domingo, Dr. Hélio assistiu minha missa. Havia trazido sua maleta. Examinou-o e receitou-lhe citoneurin para os músculos e thiaminose para as veias. Na hora do almoço, Pe. José chegou amparado ao refeitório. Num último e teimoso esforço, subiu ainda ao quarto. Quando desceu, foi para não mais subir. Era o começo do fim.

Os Cireneus e as Santas Mulheres

A trajetória da vida humana é como o rio que desliza para o mar. Vai se enriquecendo e avolumando-se com os afluentes que a ele se juntaram, trazendo a novidade de suas águas. Nossa vida é ajudada por aqueles que nos dão as mãos, nos apoiam e enriquecem.

Foram tantas as pessoas que aconteceram nos oitenta e dois anos do Pe. Baêta. Nossa gratidão se limita em citar os muitos cireneus e piedosas mulheres que o ajudaram a carregar sua cruz, em especial aqueles que estiveram ajudando seus últimos dias.

A Congregação Salesiana e a Comunidade do Colégio Dom Bosco ficam profundamente agradecidas a D. Oscar de Oliveira, Arcebispo de Mariana, pelo apoio, paciência e compreensão com ele usadas. Só Deus sabe o carinho e o desvelo que lhe dedicaram as caridosas Irmãs de Miguel Burnier e as dedicadas enfermeiras e atenciosos médicos e enfermeiros do Hospital São Vicente de Paula de Itabirito. Em trabalho simples e escondido sempre o ajudaram muito o Sr. José Higino e o Sr. Joel "grandes motoristas", como dizia ele. Não esquecemos a amizade sincera que sempre lhe dedicou o Sr. Valdir José Chagas, o Sodi de Glaura, a paciência de Da. Laura, a atendê-lo em suas costuras, a solicitude do Sr. Vítor ao fazer-lhe a barba e o cabelo, a bondade da Orsina e da Maria Lemos ao atender seus impertinentes pedidos de lista telefônica na administração. Obrigado a quem organizou suas listas de missa e o ajudou a separar as notas do seu dinheiro. Obrigado ao Juca, ao Adão, ao Geraldo Ernesto, aos Gêmeos, ao pessoal de sua confiança.

Foi, entretanto, nos mais difíceis de seus dias, que apareceram aquelas pessoas simples de nossa convivência, aquelas que garantem a retaguarda de nossas contínuas lides. Cari-

nhos constantes de Dalva, Maria José, Mercês, Aparecida, Conceição, Telinha e demais funcionários do Colégio fizeram mais alegres seus últimos momentos. Aparecida Bastos sofria com ele a cada agulhada de injeção na veia. Da. Maria José, além de ajeitar-lhe as roupas, nunca o deixava só. Joana o entretinha em longos papos, enquanto lhe limpava as unhas. Zé Wilson esteve constantemente a seu lado, sacrificando seu feriado de Semana Santa. Obrigado enfim a outros Arimatéias e Nicodemos que o depuseram da cruz e o levaram ao sepulcro. Obrigado aos paroquianos de Cachoeira e vizinhanças, que celebraram com ele a Missa da Ressurreição.

Rezando pelo Pe. José, não se esqueçam de rezar por esta Comunidade de Cachoeira do Campo, que ocupou lugar tão amplo em seu coração.

Em Cristo e em Dom Bosco

Pe. Jacy Cogo

NOTAS

1. O Pe. Geraldo Azevedo, censor implacável de suas inócuas inverdades, o corrigia de pronto: "É, Paraopeba quer dizer Rio Grande". Paraopeba é o rio que passa por Lafaiete.
2. "Sou de família importante. Não sou desses pérapados, não". Assim costumava ele atacar seus agressores, nas conversas de mesa.
3. "Tocava bombo na banda e jogava de alfo em Lavrinhas. Meu Mestre de noviços foi D. Antônio de Almeida Lustosa e meu assistente foi o Pe. Luís Garcia de Oliveira, homens de grandes predicados". E o Pe. Arnaldo emendava: "E complementos também".
4. "Em Niterói tive muitos ex-alunos comandantes de vapor. Quando estava em Vitória, um deles me convidou para almoçar com ele no Vapor".
5. Era já de praxe o seu refrão: "Na minha turma tinha 8 poloneses, 5 argentinos, dois são bispos: D. Miguel Raspanti e D. Lambruschini, grande pianista, 2 jugoslavos, 3 tchecoslovacos, 3 ingleses, 2 francês: Jean Guérrin e Paul Mongour. Paul Mongour escrevia o Boletim Salesiano em francês, 2 uruguaios; brasileiros eu e o Pe. Eduardo Roberto que morreu em S. Paulo, italianos muitos. Isso tudo de um fôlego só. Numa listinha que demorava encontrar no bolso, entre tantos outros papéis, trazia escrita a lista de seus "professores de teologia que não existem outros iguais". Eram Mezzacasa, Vismara, Genaro, Giovanni Grosso e outros...
6. "Fui eu que fiz o casamento de Humberto Scaramussa com Teresa Magnago. No leito de morte ele pediu que eu fosse pregar na primeira missa de seu filho, Pe. Pedro Scaramussa... Fui a Venda Nova com 12 cavaleiros... O Sr. Fioravanti Caliman nos tratou muito bem.. ele falava: "proprio, proprio".
7. Dizem os entendidos do tempo e das vicissitudes da época, que era um dos lugares de exílio, como foi Cachoeira também.
8. "Fui professor de latim e francês do Pe. Alfredo Carrara de Melo e dos irmãos dele... A mãe dele era uma senhora muito distinta".
9. "Dei latim e francês pras moças em Vitória, no Colégio do Carmo; hoje nem os padres estudam "latim". Não faltavam os gaiatos que lhe perguntavam se aquilo não era pôr em risco a vocação.
10. Era comum, nas capelas, o povo querer saber notícias dele. Muitos vinham só para vê-lo. Os ex-alunos lembravam as bagunças em suas aulas, o seu espanador e o *Dictée*, não repito mais".
11. "Não deviam ter fechado Acesita. Tinha 345 alunos, pergunte o Professor Carrijo, de manhã (sic). O professor Carrijo pagava e registrava os alunos. Ninguém queria que fechasse o Colégio. Chegou lá o padre com um opala, almoçou bem, fechou o colégio e foi embora... Em São Paulo não fecharam nenhuma casa".

DADOS PARA O NECROLÓGIO

Padre José Tavares Baêta Neves — Nasceu em Lafaiete (MG) aos 21 de setembro de 1899. Faleceu em Cachoeira do Campo (MG) aos 10 de abril de 1982, com 82 anos de idade, 60 de profissão e 54 de sacerdócio.

INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO

Avenida 31 de Março, 435

30000 BELO HORIZONTE – MG